

“O DIVERTIMENTO E A DOR” COMO É POSSÍVEL CURAR O CORPO, RECUPERANDO O ESPÍRITO, NA NOVA ERA?

*Leila Amaral*¹

RESUMO

A partir de alguns exemplos etnográficos de práticas rituais da Nova Era, com forte apelo corporal e fins terapêuticos, o que se pretende examinar neste artigo é a relação entre a cura do corpo e o estilo Nova Era de lidar com a espiritualidade. A "cura" é entendida, nesse caso, em seu sentido mais amplo: a restauração da saúde na Terra, concebida como a "grande reconciliação". De acordo com essa concepção, a "doença" e o "medo" que a acompanha são provocados pela "ilusão da separação" e seus efeitos perversos no mundo físico, emocional, social e planetário e os males da modernidade proviriam dessa alienação do 'ego' dos outros planos da existência. Por isso, o processo de cura, na espiritualidade Nova Era, inicia-se a partir de um esforço pessoal em busca de uma unidade metafísica última, através de rituais denominados "vivências", nas quais o "divertimento" e a "dor" apresentam-se como condições eficazes e provocadoras da transformação requerida contra o sentido hegemônico de poder.

UNITERMOS: Corpo, Cura, Espiritualidade Nova Era.

Ao eleger como objeto de investigação o caráter simbólico e performático das experiências espirituais e de cura, no movimento Nova Era, considero que, nessas experiências, está implicada uma cosmologia que diz respeito àquelas pessoas que delas participam. Isto é, dizem algo sobre quem as realiza. Nelas, como em todo ritual, a “verdade” de um determinado grupo de homens penetra a realidade corporal daqueles que delas tomam parte, através de manipulação simbólica; do uso metafórico de palavras, gestos e substâncias. A imagem ideal que o grupo faz de si mesmo e do mundo torna-se gestos, vivida realisticamente como um ensaio disciplinado de atitudes corretas. Busco, então, através de minha análise, captar as idéias, princípios, concepções, regras e sentimentos que, através dessas experiências, tornam-se atos, isto é, atos rituais².

A partir de alguns exemplos etnográficos, mostro como a cura do corpo, segundo a cosmologia Nova Era, está

inserida em um sentido mais amplo de restauração da saúde na Terra, concebida como a "grande reconciliação" ou "integração terapêutica". Em resposta a esse objetivo, afirma-se que a "doença" e o "medo" que a acompanha são provocados pela "ilusão da separação" e seus efeitos perversos no mundo físico, emocional, social e planetário. Os males da modernidade e da civilização proviriam, segundo essa concepção, da alienação do "eu" dos outros planos da existência. Por isso, o processo de cura, no universo Nova Era, inicia-se a partir de um esforço pessoal em busca de uma unidade metafísica última, através de rituais denominados "vivências", nos quais o "divertimento" e a "dor" apresentam-se como condições eficazes e provocadoras da transformação requerida.

Para além de um simples trabalho corporal, narcisicamente direcionado para o engrandecimento do "eu", o uso ritual do corpo, nas "vivências" Nova Era, pode ser interpretado como um meio de experimentar significados fundamentais para seus praticantes, por exemplo, o de "totalidade", concebida mais como abertura do que como totalidade sistêmica e o de "indivíduo", concebido mais como "ser em comunicação" do que um "ser em relação". Em outras palavras, o significado de comunidade, ou o ideal de viver junto formando uma totalidade, diz respeito a um sentido de *estar junto antes de estar com*, isto é, para além de fronteiras territoriais ou identidades culturais substantivamente definidas³.

1- O tempo alegre das “vivências”

Apresenta-se como uma das novidades dos serviços Nova Era a popularização estilizada dos princípios subjacentes aos exercícios “clássicos” de meditação, para tornar suas práticas acessíveis a qualquer pessoa. A finalidade é proporcionar ternura e prazer aos participantes, através do movimento, da música e dos sentimentos que daí podem ser despertados. Mais do que disciplina, o se explora nas novas práticas são a alegria e a diversão, através de técnicas de relaxamento e descontração.

Uma dessas apropriações, que considero típica da cultura Nova Era, é o *Qi-netics* de Lydia Wong⁴. A base inspiradora dessa meditação em movimento é a antiga arte chinesa ou ciência da respiração, postura, movimento, som, intenção e visualização para cultivar o *qi* por todo o corpo humano, isto é o *qigong*. Literalmente, *qigong* (pronuncia-se

¹ Professora de Antropologia Cultural do Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Ciências da Religião e pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Estou usando, assim, o termo “performático” para atos que, em circunstâncias apropriadas e de acordo com convenções, produzem efeitos e oferecem uma afirmação antecipatória sobre o sucesso a se alcançar em alguma atividade (Austin, 1975). Mas as experiências espirituais e de cura, no movimento Nova Era, como todo ritual, são também atos performáticos no sentido de encenação ou atualização dramática que, através do uso de múltiplos meios, permite aos participantes experimentarem um determinado evento intensivamente através da intensificação de seu significado (Tambiah, 1985).

³ Sobre esse conceito de comunidade, no movimento Nova Era, vide, especialmente, Amaral, 1996.

⁴ Lydia Wong, originalmente de Singapura, mora atualmente em Los Angeles e apresenta-se em vários lugares do mundo oferecendo, profissionalmente, o seu *Qi-netics*.

tchi-cung) significa o trabalho sobre o *qi*. Segundo Lydia Won, apesar do *qi* ser a energia de vida disponível, as pessoas não podem acomodar-se à sua espera. Elas devem trabalhar para cultivar o *qi* diariamente.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar o caráter de divertimento bastante associado a essa prática popular chinesa, relacionado às permormances acrobáticas de seus praticantes.

Em segundo lugar, o trabalho sobre o *qi* envolve respiração forte e barulhenta, distinguindo-se, dessa forma, da respiração freqüentemente silenciosa e controlada do *T'ai chi ch'uan* e de algumas formas de *yoga*. Envolve, também, a expulsão de toxinas, coordenação na emissão de sílabas sonoras, movimento e vibração corporal, para a purificação dos órgãos do corpo.

Acredita-se que o *qi* do “mestre” tem *gong* ou habilidade para controlar e transmitir os poderes curativos do *qi*, a força vital. Com essa habilidade, o “mestre” pode realizar curas à distância, manipulando os membros do paciente, causando efeitos físicos e mudanças químicas através da projeção de sua intenção sobre os pontos da acupuntura e, assim, forçar o sistema imunológico do paciente, através de uma “acupuntura sem agulhas”. Trata-se de uma medicina sem ervas e sem instrumentos, apoiando-se apenas na capacidade que tem o mestre de dirigir suas ondas cerebrais para os seus pacientes em estado de total relaxamento.

Na sua forma mais filosófica e meditativa, as metáforas budistas são aliadas às técnicas de respiração e de relaxamento, quando, por exemplo, os participantes são convidados a meditar sobre a flor de lótus com palavras tais como: “A flor de lótus cresce interminavelmente. A flor de lótus envolve você. Eu sou a flor de lótus. A flor de lótus sou eu. A flor de lótus é toda a natureza”.

Voltando ao *Qi-netics* de Lydia Wong, seu *workshop* mostra-se diretamente influenciado por essa atmosfera criada pelo *qigong* chinês, articulando, simultaneamente, seus três elementos - divertimento, cura e meditação. Conta, contudo, com uma característica diferencial. O *Qi-netics*, nas palavras de Lydia, é um *T'ai chi ch'uan* para todos. E mais, acredita-se que todos os participantes do *workshop* serão capazes de criar a energia do *qi*, no seu interior, e de transmiti-la para todo o ambiente ao redor, em curtas ou longas distâncias. O *gong*, portanto, não pertenceria apenas ao mestre. “O *gong* é de todos”.

Os participantes do *Qi-netics* devem vivenciar a sensação de que a vida sobe por seus corpos. Para isto, a meditação integrará ritmos e danças provenientes de várias partes do mundo, massagens variadas e os princípios do *qigong* taoísta para, nas palavras de Lydia, “reconectar-se com o sentimento enlevado da energia vibrante do *qi* espontaneamente fluindo através de nossos corpos”.

A identificação dos participantes, à moda da meditação budista com a flor de lótus, será, na versão energizante do *Qi-netics*, com o tambor. Eles são encorajados a se moverem relaxadamente e descontraidamente pelo salão do *workshop* ao som constante e insistente de um tambor, cujo ritmo e freqüência aumenta em movimento ascendente. Fica em

destaque, nesse tipo de trabalho, a importância dos instrumentos de percussão.

Lydia convida os participantes a comporem uma dança espontânea, fazendo seu próprio ritmo, respirando o mais profundamente possível, de maneira forte e barulhenta e, à medida que a dança ganha em andamento e cadência, o que se pede aos participantes é que eles sintam total e absoluto prazer naquilo que está sendo feito. Inicia-se, então, uma longa sessão de massagens enquanto a dança continua. Dança-se ao mesmo tempo em que os participantes massageiam-se mutuamente, respiram em profusão e fazendo bastante barulho, brincam com seus companheiros de vivência e, segundo a orientação do animador, transformam-se, eles mesmos, em tambores.

A idéia é aproveitar prazerosamente o som dos tambores e sentir que o poder vem desse prazer, dessa brincadeira e do relaxamento por ela proporcionado. Ao invés de forte intenção ou revidamento, apenas o sentimento de presenças sem palavras; ao invés de objetivos determinados e voluntariosos, apenas brincar, tornar-se outra coisa - no caso, a pura vibração do tambor. É esse relaxamento que, segundo os participantes, faz com que eles se sintam com o coração, a mente e a aura abertos, o que, segundo Lydia, é a possibilidade de aprender o novo.

O objetivo de tamanho esforço vibratório, proporcionado pela dinâmica frenética com que Lydia encaminha esse *workshop*, é fazer com que as pessoas esqueçam de si próprias para receberem o *tao* “realisticamente”, através de vários recursos, meditativos, rítmicos, sensoriais e vibracionais, para fazerem-no atingir todos os pontos do corpo. Assim, além dos 12 meridianos, Lydia trabalha também os *chakras*, os membros externos e os órgãos internos dos participantes. Para fazer vibrar e abrir meridianos e *chakras* - denominações respectivamente provenientes da medicina taoísta e hindu - ela explora o som dos tambores, provenientes, segundo a incorporação de Lydia, das culturas indígenas americanas. Para o movimento sensual dos membros externos, usa o ritmo da “lambada” proveniente das culturas latinas da América - uma “lambada *ta'i chi*”, propõe Lydia - e, para o despertar dos órgãos internos, o som de um órgão eletrônico com músicas sacras ocidentais.

Ao lado de danças, gingados, rebolados, massagens e muita respiração, a visualização de cores, principalmente do azul que suavemente deve tocar o centro da cabeça dos participantes.

Simultaneamente a essa visualização do azul e ao som de um órgão eletrônico executando música sacra européia e acompanhado de uma voz em soprano, os exercícios que se seguem dirigem-se para o céu. Tudo agora volta-se para o alto, para o norte, para o céu. Primeiro, da terra para o corpo dos participantes e, então, em direção ao céu. O importante é fazer com que os participantes sintam que seus corpos estão se tornando um canal receptor de uma fonte de energia que vem de todas as direções, o *qi*, que está se tornando cada vez mais vibrante. Mas o receptor dessa energia não se apropria dela com exclusividade, porque, ele também está em vibração, por

isso, a faz retornar e dispersar-se, novamente, por todo o ambiente, através das mensagens, dos gritos sibilantes, dos rodopios e da respiração barulhenta.

Eu diria que se trata de uma ritualização do princípio da dádiva - o dar, receber e retribuir, apresentado por Mauss como a condição e fundamento do “social” - nesse caso, numa versão radical, porque a partir de uma total abstração de grupos, sociedades, pessoas, territórios, nações, religiões, instituições, palavras ou presentes substantivos. Os participantes parecem ritualizar o princípio do dar, receber e retribuir, através de uma desterritorialização e despersonalização radical da dádiva tornada *qi*. Isto é, a disponibilidade para a comunicação, na sua grande extensão.

Como o *Qi-netics* de Lydia Wong, outras “vivências” existem, nas quais podemos ressaltar algumas características.

Tratam-se de longas “vivências” que podem durar horas, dias ou semanas. Elas se constituem a partir de combinações, as mais heterodoxas, de técnicas e recursos simbólicos, visuais, auditivos e sensitivos, retirados de contextos culturais, religiosos e espirituais distintos para serem oferecidas na forma de “meditação em movimento”. Apresentam-se como a expressão vivida de um excesso; excesso de força criadora que, segundo seus participantes e animadores, pode provir de todo e qualquer tempo e lugar, para tornar-se disponível e atualizar-se nas performances particulares, quando seus participantes deixam-se penetrar por esse excesso de vida (ou vitalidade). Dessa experiência da dispersão, excesso e disponibilidade, retira-se a idéia (ou desejo) da onipresença de forças criativas no mundo natural, cultural e humano, isto é, do sagrado, na cosmologia Nova Era.

Impõe-se, portanto, para os participantes, a “metáfora da natureza” e sua “celebração” para exprimir uma idéia de sagrado que se projeta espontaneamente no mundo externo e interno ao indivíduo como excesso, religando-o às forças universais de vida, não na tradição, mas através das tradições culturais e religiosas. Portanto, se o sagrado perpassa (ou está presente em) todas as tradições, delas não é prisioneiro e nelas não se ajusta completamente, mas as extrapola.

Da mesma forma, poderíamos entender, segundo esse ponto de vista, a diferença entre as categorias *ego* e *self*, tão importante no meio Nova Era. O *self* seria, então, este “excesso” sentido no e pelo indivíduo, através do *ego* (o indivíduo sob os limites da cultura ou da tradição), mas como o extrapolar do próprio *ego*, experimentado ritualmente pela vibração revitalizante de seu corpo em comunicação com o “outro” e com o “sem limite”⁵.

⁵ Para uma diferenciação entre as categorias *ego* e *self* no universo Nova Era, apresento o seguinte quadro resumo:

	EGO	SELF (“verdadeiro eu”)
Ligações com o mundo	Mente (através da) Material (utilidade) Social (ismos/apego)	Coração (através do) Emocional (sentimento) Espiritual (essência/desapego)
Atividades	Julgamento	Compreensão

O objetivo, portanto, é menos oferecer uma doutrina, na forma de discussão, reflexão racional ou aprendizado teológico, e mais o de criar um ambiente de comoção e de alegria que estimule a visibilidade dos desejos dos participantes, os quais só a eles cabe expressar, “sem medo” e “sem resistência”.

O encontro do *ego* como algo que lhe extrapola é, assim, vivenciado ritualmente através da intensificação das emoções que impelem o indivíduo a descobrir apelos atuantes em si mesmo por vias externas ao poder das instituições, a fim de experimentar pelos órgãos do sentido, a certeza de uma realidade inesgotável de vida, para além do conjunto estruturado de uma sociedade ou cultura. Trata-se de experimentar a força de uma destruição, isto é destruição do *ego* - personalidade ou categoria social - para descobrir-se como *self* - um ser perpassado pelas forças naturais ainda não capturadas plenamente pela cultura; em outros termos, um ser perpassado pela libido ou frustração permanente.

Enfim, o estilo festivo e divertido dessas “vivências”, coloca em foco a confiança que depositam na capacidade e responsabilidade do sujeito para com a potencialidade de transformação de si mesmo, em sintonia com as forças criadoras e transformadoras, liberadas e disponíveis. Proviria daí o caráter terapêutico que elas apresentam, isto é, ao tornar o corpo um teatro vivo da celebração da vida e de si mesmo como “totalidade aberta” e em contínua transformação.

A evocação de forças espirituais - vitais, angelicais ou anímicas - cumpre assim a função ritual de reintegrar o “indivíduo” (o *ego*) a essas forças, em perpétua transformação, e garantir, assim, desde o início das “vivências”, a segurança e o sucesso da empresa: transformar o *ego* em *self*, isto é, transformar um indivíduo como “identidade fechada ou fixa” em um indivíduo como “identidade aberta”, devido à sua sintonia com as forças espirituais em atuação, desencadeadas pela maneira de ser do apresentador e pela comunicação que se estabelece entre os participantes.

2. O confronto com a dor

A natureza terapêutica das “vivências” Nova Era, muitas delas sofridas, chorosas e aflitas, não retira delas o caráter de divertimento, prazer e alegria. Iniciam-se, terminam e são entrecortadas com brincadeiras, jogos, danças, meditação em movimento e outras atividades de descontração, no sentido aqui apontado. O clima de brincadeira, bom humor, risos e graças colabora para a libertação da seriedade; para a instauração do lugar da distração, onde se pode, enfim, expressar para si mesmo e com franqueza os problemas da vida, com direito, inclusive, a choros, convulsões e fortes comoções, como parte dessas “vivências”.

Qualidades	Vontade	Sinceridade
	Imposição	Disponibilidade
	Separação	Comunicação
	Limitação	Criação
	Repetição	Transformação
	dualidade	Unidade

É o sofrimento, causado pelo medo, que deve ser vencido e enfrentado como condição da transformação desejada (isto é, a cura, no sentido de “integração terapêutica”), através de exercícios que promovam as potencialidades de cada participante e sua capacidade de comunicação ampliada e de dádiva aos outros. Esse é o clima desencadeado, por exemplo, pelas meditações em movimento, que, como dissemos, provoca a sintonia do indivíduo com as forças de vida (o pleno potencial, o sagrado ou o espírito de vida). É a garantia, portanto, desde o início das “vivências”, da transformação requerida.

Em primeiro lugar, eu diria que é essa certeza, a fé no poder da “comunicação em expansão”, metaforicamente vivida nessas “vivências” como o poder do amor, que lhes confere um caráter religioso ou espiritual⁶. Em segundo lugar, eu diria, que é dessa certeza que as “vivências” da dor e do sofrimento retiram sua fonte de alegria. Uma “flagelação alegre”, diria Bakhtin⁷.

Assim, por exemplo, no *Healing Circle* - um ritual do sofrimento, como fui levada a interpretar uma dessas “vivências” - o processo ritual se concentra, em seu início, na dissolução do *ego*, através de brincadeiras que levam o indivíduo a mergulhar numa atmosfera de excitação e frenesi desencadeada por sensações corporais provocadas por risos, gritos, passeios, silêncios duradouros, ausência da visão, exploração de carícias, perfumes, trombadas calorosas e abraços eufóricos trocados entre os participantes. Brincadeiras que despertam o ardor e a soltura receptiva de suas expressões faciais. Gestos rituais, sem palavras ou imagens, que promovem a exploração do ambiente ao redor, a condução de uns participantes por outros e a entrega deles aos cuidados que lhes são oferecidos.

O que se busca é a sensação da presença plena do ambiente e dos parceiros; a atmosfera onde se posicionam as coisas e as pessoas; o elemento sensual que se pode explorar pela percepção. Com a ajuda da terminologia oferecida pelo filósofo Alphonso Lingis (1994), eu diria que, por meio dessas brincadeiras, o que se busca é aquilo que a linguagem não pode dizer ou categorizar, isto é, as “não-coisas” nas quais as coisas se formam; “o elemento sensual que a sensibilidade conhece e no qual a percepção estabelece algumas direções e posiciona as coisas”. Busca-se aquilo que é percebido no sentido puro de profundidade, através não de um movimento motivado pela necessidade ou pelo querer, nem de um movimento que procura um conteúdo, mas do movimento da imersão no pleno, por meio de “um pacto sensual que a palavra prazer designa” (*Op.cit.*, p.122-125).

⁶ Se recordarmos o tema central da filosofia religiosa de Kierkegaard, como me foi sugerido pelo antropólogo Carlos Alberto Afonso, observaremos que a relação entre o poder da fé e o poder do amor era definida por ele como o “pacto com o impossível”: o fundamento de toda consciência religiosa.

⁷ A brincadeira, o riso, a graça, enfim, o divertimento permitem um olhar destituído de medo, de piedade; um olhar crítico, mas ao mesmo tempo positivo e não nihilista: um novo olhar sobre o mundo, “aquele que descobriu o princípio material e generoso do mundo, o devir e a mudança, a força invencível e o triunfo eterno do novo” (Bakhtin, 1993, p.329). Isto é, o Carnaval no sentido mais amplo, segundo a definição de Bakhtin.

Numa linguagem Nova Era o que se ritualiza com essas sensações é um “encontro espiritual”, um encontro pleno do indivíduo com forças extraordinárias, as “não-coisas” ou “energia pura”, nas quais cada participante e seus parceiros se formam. Trata-se de um encontro que se dá não através de identidades individuais bem demarcadas ou no esforço de se fazerem reconhecidas ou nomeadas, mas de sensações exploradas cada um em si mesmo e nos outros, descobrindo-se, cada um dos participantes, também como “não-coisa” - como um traço fora de todas as categorias. Essas sensações que as brincadeiras provocam levam as pessoas a se perceberem e aos outros como “espírito”, ou melhor, participando da natureza mesma do “espírito” - ser mais que um ser que é simplesmente um membro ou representante de uma categoria, classe, religião, sexo ou profissão, para ser sentido e sentir-se envolvido no excesso da “não-coisa”. Através dessas brincadeiras, os participantes trocam, ao invés de mensagens, forças, materializadas na vitalidade de suas faces, no calor de seus corpos e no tom de suas vozes.

Mas a luminosidade e a vitalidade que as faces dessas pessoas irradiam com as brincadeiras iniciais vão cedendo lugar a rostos melancólicos, olhos úmidos, vozes embarcadas, respiração oscilante, mãos trêmulas e lábios contraídos. Essa mudança é provocada pelas técnicas destinadas a desencadear no participante a memorização das situações sofridas no seu cotidiano, seja no presente ou no passado, relacionadas com suas lutas para vencer a contingência das separações experimentadas no decorrer de sua vida, e os efeitos daí decorrentes no seu corpo físico e em suas relações.

O ponto alto da grande maioria dos *workshops* de cura, como por exemplo o *Healing Circle*, consiste em criar uma situação de exposição da fragilidade, suscetibilidade e vulnerabilidade de cada uma das pessoas envolvidas, numa relação face-a-face e de suporte mútuo. Compartilha-se, intensamente, o sofrimento e a dor de cada um, quando todas as identidades se encontram abaladas, relativizadas ou minimizadas; quando a exposição do sofrimento desfaz a excessiva confiança na pessoa individual e a faz sentir um “traço” fora de todas as categorias - ser outra coisa além de um membro ou um representante de uma categoria, classe, religião, sexo ou profissão - para sentir e ser sentida no excesso do encontro, agora, eu diria, usando uma expressão de Levinas, com a “face” do outro como imperativo.

O encontro não se dá pela afirmação da capacidade, identidade ou poder de cada um dos participantes sobre os demais, nem pela exigência de respostas em termos de idéias, significados ou códigos compartilhados. Não são suas convicções, julgamentos ou doutrinas que demandam respostas, mas sua fragilidade desarmada, a suscetibilidade e a mortalidade de cada um deles ao se expor à perda e ao sacrifício. Fora a dor, vivida ao ponto da fadiga e da exaustão, as pessoas não compartilham nada em comum. Apenas a “compaixão” permite a cada uma delas participar do sofrimento da outra.

Após a dissolução, morte e aniquilamento do *ego*, a possibilidade do reencontro com o *self*, ou a recuperação do

espírito, através de técnicas neo-xamânicas, nas quais a visualização individual da força interior de cada participante, aliada ao som vibrante e percussivo do tambor, transforma-se no elemento ritual básico. Trata-se de um momento dedicado à celebração do poder interior de cada participante, em contato direto com o sobrenatural. Esse encontro proporciona ao xamã - no caso Nova Era, todos os participantes da "vivência" - a habilidade de impor formas alternativas para ordenar o caos colocado diante de seus olhos, naquelas situações em que a significação não está clara.

Inspirado-me em R. Needham (1967), gostaria de chamar a atenção para essa relação entre sentimento espiritual e percussão. Segundo a hipótese de Needham, a percussão - e não o barulho, ritmo ou melodia dos sons, cujo efeito no sentimento das pessoas é condicionado pela cultura - produz um impacto imediato, afetivo/corporal, isto é, não-cultural, o qual Needham relaciona com o conceito de "existência espiritual". Os sons percussivos não dependem de material, de técnicas ou de idéias específicas, eles podem ser feitos com o corpo humano, pelo contato abrupto ou através de partes ressonantes do meio ambiente. Fenômeno elementar e primário, as reverberações produzidas por instrumentos, quaisquer que sejam eles, proporcionam efeitos não apenas estéticos (culturalmente contingentes), mas corporais: um arrebatamento, um tremor interno, que pode ser mais ou menos consciente, mas que é inevitável.

A não contingência da percussão a qualquer dos mundos - vazia, portanto, de conteúdos sociais - fica associada, assim, no sentimento de arrebatado, à comunicação com um "outro mundo", ou melhor, ao seu "deslocamento" ou "passagem" para um "outro mundo". Os tambores, como todos os instrumentos de percussão, seriam, assim, universalmente eficientes em cerimônias que visam o contato com os espíritos, o "xamanismo", e nos rituais que marcam a "passagem" formal dos participantes de um estado (místico ou social) para outro.

OBSERVAÇÕES FINAIS:

É preciso ressaltar que a cura genuína - entendida como a "recuperação do espírito perdido" - é alcançada após a representação ou dramatização da criação de um encontro que, na seqüência dos exemplos apresentados, aparece como a condição anterior ao "ser", seja cultural ou individual; após a morte ritual de identidades rígidas e fortes, da apreensão sentimental da relatividade das identidades e de seu ser incompleto e frágil.

A possibilidade de recuperação do "espírito do ser", identificado com o "espírito", vai tornando-se realidade na seqüência das "vivências", após intensas experiências criadoras de uma atmosfera de "encontro pleno", para além das definições e classificações substantivas de qualquer sociedade e de suas instituições. Um encontro com a "face" do outro como singularidade, como um traço fora de todas as categorias. O mesmo vai sendo experimentado em relação a si próprio e interpretado no conjunto das "vivências" como a recuperação

do espírito - isto é, o encontro com a alteridade do outro e de si mesmo.

A "recuperação" do espírito adquire assim, dentro do contexto ritual, um significado ético mais amplo: a) ser outra coisa que ser simplesmente um membro, um representante de uma categoria ou classe ou) a busca para situar-se no "espaço do tornar-se" outra coisa ou pelo menos "tornar-se melhor" do que se é.

Trabalha-se para alcançar o *self*, baseando-se em uma moralidade do constante recomeçar, mas não se trabalha o *ego* - membro ou representante de uma categoria, classe, religião, sexo ou profissão, portador, em maior ou menor grau, de *status*, poder, prestígio e identidades demarcadas.

O clímax desses rituais é alcançado, então, quando se descobre que você não é você, por identificação com um "outro" que não o *ego* - isto é, com uma natureza ainda não definida pelos códigos da cultura e da sociedade. É quando se busca viver "realisticamente" essa moralidade do constante "tornar-se", ou a "passagem" como valor, sem resistência ao outro de si mesmo e à "face" do outro como "presença".

O "poder" que se ensaia não se refere, portanto, ao ganho, mas à perda de "poder".

Suponho que seja possível enxergar então, nessas "vivências", uma recusa à "lógica do poder" pela qual se conjugam relações de perdas e ganhos, assim como de opressão e resistência. Vem-se ensaiando, no universo ritual Nova Era, um outro modo do indivíduo relacionar-se com o mundo, sem ter que apelar para estratégias de confronto ou deparar com resistências frontais, produtoras que são de relações de poder, em situações de identidades prontamente demarcadas, seja no plano social ou no plano individual. Pode-se apreender em seus rituais uma definição de poder que tenta escapar, tanto da lógica de dominação, quanto da lógica de resistência. Ao invés de estratégias de lutas, as "vivências" Nova Era apresentam-se, simbolicamente, como tentativas para escapar da ontologia do conflito, vindo a apontar, performaticamente, para uma "ontologia da comunicação".

Nesse contexto ritual, a alegria do divertimento aliada ao confronto com a dor ganha significado como a experiência paradigmática que relativiza a lógica do poder para afirmar uma "ontologia da comunicação" e uma moralidade do eterno "tornar-se". Por isso, o sofrimento é alegre e as "vivências" começam e terminam em meio a risadas.

ABSTRACT

"THE AMUSEMENT AND THE SUFFERING": HOW IS IT POSSIBLE TO HEAL THE BODY RECOVERING THE SPIRIT IN THE NEW AGE?

This article intends to evaluate the relationship between healing and the New Age style of leading with spirituality through some ethnographic examples of New Age

rituals which have strong corporal appeal and therapeutic aims. The meaning of healing is understood in its wider sense: the “restoration of the health of the Earth” or the “great reconciliation”. Accordingly with this conception, disease and the fear that follows it are provoked by the illusion of separation and its perverse effects in the physical, emotional, social and planetary worlds. So, the ills of modernity would derive from the alienation of the ego from the other dimension of existence. So, in the New Age spirituality, the process of restoring one’s health starts from the personal effort to reach the “ultimate metaphysical unity”. Rituals named workshops (“vivências”, in Brazilian context) are the means through which such ideal would take place. Amusement and suffering in the ritual context are presented as the condition for efficient required transformation against the hegemonic meaning of power.

UNITERMS: *Body, Healing, New Age Spirituality*

Endereço para contato:

Leila Amaral
Rua Marechal Deodoro, 268
Juiz de Fora - MG
CEP 36013-000
E-mail: leila.amaral@artnet.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade. **Religião e Sociedade**, v. 17, n.1-2, (p. 54-74), 1994.

AUSTIN, J. L. **How to do thinks with words**. EUA: Harvard University Press, 1975.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento - o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

LEVINAS, E. **Ethics and infinity**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1995.

LINGIS, A. **The community of those who have nothing in common**. New York: Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

NEEDHAM, R. Percussion and transition. **Man: The Journal of the Royal Anthropological Institute**, 2 (4), p. 606-614, 1967.

TAMBIAH, S. **Culture, thought and social actions**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.